

Redacção, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegraphico: LANTERNA
Toda a corr. correspondencia deve ser dirigida ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

FOLHA ANTI-CLERICAL E DE COMBATE

Apparece aos sabbados

PREÇOS DE ASSIGNATURAS
ANNO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

No preço de assignaturas para o exterior ha a differença de porte do Correio.

O PROPHETA JULIO

A promessa, formal que Jesus Christo fez de vir ao mundo segunda vez

A HORA E' CHEGADA!

O padre dr. Julio Maria tem sobre si attrahidas neste momento as attentões do Rio de Janeiro, do Brasil e tambem do mundo inteiro.

O assumpto principal de todas as conversações é a boa nova que a sua autorizada palavra acaba de lançar do alto do pulpito da matriz da Gloria annunciando a volta, desta vez não adiada, do Salvador do mundo.

As suas conferencias ali realizadas têm sido uma affirmacão categorica de que os tempos são chegados — e que grandes coisas vão acontecer em breve. Portanto, quem tem ouvido para ouvir ouça.

Fala o propheta: «Do que valem os sabios estudarem estrellas e cometas e affirmarem a existencia do mundo por milhares de annos, quando Deus prometteu a sua vinda! Foi a inspiração dos apóstolos, é tambem uma inspiração de um padre brasileiro, como tem sido de grandes homens!»

«Temos promessa de que vai apparecer!»

Pela parte que me toca, fico muitissimo agradecido a s. reverendissima de me ter prevenido com antecedencia, porque vou tratar, para quando as trombetas celestes soarem, quanto antes, dos preparativos, como soldado em vespuras de parada, para me apresentar, correcto e escovado, diante do senhor insophismavel de todas as coisas.

Não seria nada agradavel para mim ser lançado, por toda eternidade, no lago de fogo e enxofre, segundo se lê no Apocalypse de S. João, como será feito dos uedrosos e incredulos, dos fornicarios e dos feiticeiros (os espiritas comprehendidos), dos abominaveis e dos homicidas (cuidado, padre Faustino!), dos idolatras e de todos os mentirosos!

Ainda ha incredulos que duvidam, porque outros collegas do illustre pregador, ha dois mil annos para cá, vêm dizendo a mesma coisa e até têm fixado o dia. Geralmente o grande e terrivel acontecimento produzir-se-ia após um eclipse solar, dizem, e como as riquezas podiam ser grande estorvo á obtenção de um lugar no céo, aconselhavam áquelles que as possuam doarem-nas aos conventos e ás igrejas, mediante boas e legalizadas escripturas. Quasi todos queixaram-se depois, dizendo terem sido logrados, porque o mundo ainda ahí está...

Acho que não ha razão para isso, pois, se attentarem no que dissera Christo, verão que laboraram em erro: «Mais facil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus.» Logo, quem está com a verdade, com a logica são os ministros de Deus e os seus prophetas, os unicos que entendem de hermeneutica.

Possuir riquezas, bens terrenos, leva-nos infallivelmente ao lugar dos tormentos eternos; por isso, mesmo levando em conta todos os adiantamentos havidos até a presente data, só temos que agradecer aos santos arautos da Fé e da Verdade por nos mostrarem o imenso, o irremediavel perigo a que estavamos todos expostos. O propheta clama contra o abandono do confessorario, sempre crescente.

«A sociedade lucra com a confissão.»

«O sangue de Christo deu aos padres muitos poderes para serem no confessorario — medico, juiz, mestre e pai.»

Não ha a menor duvida que a sociedade lucra com a confissão. Houve mesmo tempo em que os

refractorios á benefica instituição tinham mesmo que desembuchar, por bem ou por mal.

Torquemada e Arbués foram eximios confesores. Galileu salvou-se por meio da confissão, negando, depois de ter affirmado, que a terra se movia!

Milhares e milhares de individuos, antes de serem torrados, confessavam a sua falta, escapando assim ás penas eternas!

Logo, a confissão não é, como alguém affirma, uma invenção infernal. Muito pelo contrario, ella é a arma, a couraça mais poderosa que a Igreja Catholica nos offerece contra o poder das trevas.

«Porque não se confessam os homens? Porque fica esse dever sómente para as mulheres e para as crianças?»

E' porque ignoram o que é a confissão ou não têm vontade, ou então porque estão dominados pelo imbecilidade, pela fraqueza da vontade.»

Com effeito, não cumprirem os catholicos o preceito imperioso da Igreja que manda: — Confessar ao menos uma vez cada anno — é grave falta, obstinação insensata que os expõe ao perigo da damnacão eterna.

Não venham com a objecção, com o subterfugio de estarem limpos de consciencias. São desculpas de doctes que occultam o mal de que soffrem com receio ou medo do purgante, do drastico salvador.

Quem vos absolverá do peccado do adulterio?

Não será a vossa esposa certamente, pela razão muito simples que da vossa boca ella nunca ouvirá tal confissão.

E o perjurio, a inveja, a intemperança, o amor ao dinheiro e tantas outras causas de perdição de vossa alma?

Escutai, escutai a voz do propheta Julio. Christo ahí vem, não obstante o receio que elle tem de ser novamente crucificado.

Desculpe, propheta, mas não nos poderia dizer o dia certo e a hora da chegada do homem?

E' bom consulta-lo pelo telegrapho sem fio.

Adreacal.

Rio, 19 — 5 — 912.

Prohibição astuta

A igreja catholica possui uma arma de combate valiosissima, especialmente para exercer dominio discrecional sobre as consciencias.

E' a prohibição que estabelece, com um despotismo inquisitorial, aos seus adeptos no sentido de evitar a todo transe que elles procurem conhecer qualquer outra doutrina diversa da romana.

Os crentes devem cingir-se exclusivamente a leituras devotas, ás paginas mirificas do Flos Sacerdotum ou ás tollices em perguntas e respostas do catecismo diocesano.

Sahir deste circulo já é um passo para o horror da excom-munhão.

Só este facto prohibitivo seria bastante como aviso de descon-fiança no espirito do fiel catholico, se a sua psychologia não traduzisse a abdicacão total da faculdade racionadora.

E, effectivamente, qual pode ser o motivo porque as autoridades religiosas anathematizam systematicamente toda forma especulativa visando esclarecer as sombras de certos dogmas pertencentes á sua cartilha?

O catholicismo é ou não é a verdade absoluta, intangivel, desafiando o perpassar dos seculos, sempre de pé no meio dos escombros accumulados ao bater das ondas reaccionarias do progresso que substitue por novas ás velhas instituições?

Se representa de facto essa verdade decantada em todos os tons pelos coryphaeus da sacra litteratura, a analyse das demais doutrinas só traria como consequencia faze-la sobresahir, num magnifico relevo, em comparacão

Uma cerimonia tocante



Como fazem os que vão a Roma e vêem o papa

A prociissão dançante

de Echternach

A superstição catholica

Encontramos em La Livre Pensée um artigo interessante do sr. Carlos Bernardin sobre a prociissão dançante celebração annualmente, na terça-feira de Pentecosta, em Echternach (Luxemburgo). Resumimos.

Diz-se que no seculo VIII houve uma epidemia no gado, communicando-lhe uma especie de dança de San-Vito. Para a combater, os crentes, por morte de S. Willibrod na abbacia de Echternach, lembraram-se de dançar tambem... E o costume perpetuou-se.

Nesse dia, desde madrugada, cobrem-se os caminhos deromeiros de todas as idades, marchando por varios meios de locomoção. A cidadezinha, de 3000 habitantes, recebe então mais de 20 mil forasteiros, camponeses vindos de lugares situados dentro de vinte leguas em roda.

Emfim, os sinos annunciam a chegada do clero á ponte do Sûre, onde se forma a prociissão. O bispo de Luxemburgo faz um longo sermão, e em seguida o cortejo põe-se em marcha, levando á sua frente mais de cem padres de sbrepelliz. As fanfarras rompem a aria de S. Willibrod, meio polka, meio marcha, sempre a mesma, e subitamente dez mil pessoas começam a dançar, ou antes a saltar, dando três saltos para a frente e dois para trás. E assim vão a pular durante longas horas, de cabeça descoberta, sob o sol ardente! A's vezes lá vai um desgraçado, que os bombeiros levam logo.

O espectáculo é inolvidavel. São dez mil cabeças humanas avançando e recuando como o fluxo e refluxo, saltitando como as bolhas de um liquido a ferver, ao som discordante das fanfarras, violinos, pifanos, bombos, clarinetas, etc. A multidão vai em silencio, suspirando apenas.

Parece uma visão selvagem e estranha de Hoffmann. O espectador intelligente é partilhado entre os sentimentos de tristeza e de burlesco, de colera e de piedade. De pisdade, ante aquella miséria intellectual; de colera contra os infames bandidos sacerdotes que a exploram.

Osromeiros marcham em fileiras de sete pessoas, que se seguram pela mão ou por meio de lenços, em batalhões de algumas centenas, tendo cada um o seu grupo de musicos. A' frente vão as oriações de Behtzrnach, depois os jovens da localidade, fazendo o papel de substitutos, pagos pelos que não puderam vir pessoalmente cumprir o seu voto. Ha typos caracteristicos de cristianismo, de ignorancia, de hypocrisia, de fanatismo. Ha velhos e epilepticos, cujo ardor é causa de lamentaveis accidentes.

A's vezes um grupo pára, fatigado, e gente compassiva traz agua e refrescos; mas eoa a aria de S. Willibrod e logo os cançados recommencam. Saltam graciosamente familias inteiras, desde o avô arquiando aos netos dos dois sexos e ha de vez em quando uma gentil rapariga, de movimentos graciosos, logo seguida, porém, por algum brutalmente, que sacudia pinchos pro-

digiosos, descuidoso dos pés vizinhos, com a cara de louco banhada em suor.

O cortejo chega finalmente ao pé da igreja parochial, cuja escada de 64 degraus elle tem de subir penosamente. Dentro do templo, onde os musicos fazem um alarido... infernal, a prociissão, sempre aos pulos, passa por trás do altar, saindo do lado opposto, por uma porta onde um padre conta os peregrinos, como um pastor as suas cabeças de gado. Cadaromeiro deixou já a sua offerenda, e as moedas cobrem o pavimento do edro num amontoamento incrível.

Para terminar, dá-se ainda volta, dançando, á cruz do antigo cemiterio e ali se destaz o cortejo, após seis horas de gymnastica selvagem.

O espectador vem então com uma sensação indizível, de angustia e de pesadelo, com a melopei obadiante de S. Willibrod encrustada no cerebro. E só começa a despertar quando, na estação; vê com surpresa a ferrovia e descobre tranquillizado que vive no seculo do vapor e da electricidade.

A horrivel superstição medieval a que elle acaba de assistir foi antigamente mantida com cuidado por frades cupidos e fanaticos, e o clero actual, movido por iguaes sentimentos, trata de a conservar e explorar, á despeito de todos os progressos intellectuaes e materias realizados.

Doutrina eclesiastica

O jornal catholico belga Brabant wallon publicou em maio de 1911 o seguinte:

«Um hereje que propaga os seus erros é um assassino de almas, ás quaes rouba a vida sobrenatural bem como os meios de a recuperar; uma criança baptizada na religião catholica sem sua vontade não tem mais direito de se privar da sua vida sobrenatural abraçando a heresia do que um homem de se lançar á agua para se afogar.

(Até aqui o absurdo e a estupidez; agora a ferocidade da intolerancia a mais.)

«O poder civil executa os assassinos para delles livrar a sociedade para a qual elles constituem um perigo. Pela força se impede que os maniacos do suicidio executem o seu projecto, embora tenham nascido sem o seu consentimento.

«Não haveria a Igreja Catholica de ter o direito de julgar dignos de morte e de entregar ao poder civil, para serem executados, herejes, que são os peores assassinos, assassinos das almas? Não haveria ella de poder forçar os que receberam a vida sobrenatural pelo baptismo a manterem-se nas condições necessarias á conservação dessa vida?

«A vida sobrenatural da alma não é mil vezes mais preciosa que a vida do corpo? E os attentados commettidos contra essa vida sobrenatural não são mil vezes mais odiosos que os attentados contra a vida corporal?»

E' a logica da loucura!

Estas aberrações de lamentaveis monomaniacos da «Verdade absoluta» não datam da idade-media, mas de 1911. Se elles pudessem... E quando podem...

A reacção

dos jesuitas

de casaca

Situacão deploravel esta que a todos os movimentos de reivindicacão do operariado cria esta farandula de jesuitas refestelada no governo deste pobre Estado!

Situacão deploravel a dos que aqui trabalham, escravos da fome, sem o direito de clamar aos seus senhores que o estomago se lhes aperta; sem o direito de expor-lhes em rosto a ignominia de seu proceder — sem o direito da vida, sem o direito da liberdade, sem o direito da acção!

Só ha aqui para o pobre um direito: trabalhar para os grandes, para os senhores, de sol a sol, sem um queixar, como um carneiro.

Senão, para os renitentes, para os captivos rebeldes ao relho do feitor, para os escravos fujões do eito e da cenazala, ha o tronco e ha o bacalhau, existe a cadeia e existe o secreta. Encarcerar-se e maltrata-se, fere-se e persegue-se.

Assim foi em todos os tempos, assim continúa sendo.

Quando o operario, o expoliado levanta a voz, tem um gesto de nobreza e reclama o que de justiça lhe assiste — açulam contra elle os cães da policia, mettem-no na cadeia. Assim tambem se fazia nesta «gloriosa terra dos bandeirantes», nos tempos coloniaes, com os indios escravizados e com os negros importados da Africa. E' natural pois que assim procedam tambem hoje, com os escravos brancos, quasi todos trazidos manhosamente, com ardis, iludidos como outiôra os africanos, das terras nataes, é natural, dizemos, que assim procedam hoje os descendentes dos miseraveis e fanaticos caçadores de gentios, devastadores sem escrúpulos dos nossos sertões.

O atavismo justifica as tyrannias inominaveis destes bandeirantes d'agora, educados (ou, antes, corrompidos) na escola moral, altamente humana, dos jesuitas de Itú...

Mais do que nunca, augmentando dia a dia, é suffocante; revolta a triste condição do operario nesta capital, em todo o Estado. Não só o operario da industria como o trabalhador da fazenda. Por hoje, num rapido esboço, num só periodo, delineemos a situação do primeiro. E' simples e é convincente: trabalha muito para ganhar pouco, cada dia menos, devido ao avanço desproporcionado e acelerado da carestia da vida — um outro ramo em que se manifesta a exploração, a ladroeria da burguezia rapace desta terra.

Foi pois para solucionar esta crise aguda, que affecta o seu estomago insatisfeito, que uma grande parte do operariado con-

CAUTERIOS

LXVIII

O padre Julio Maria, qual novo S. João Baptista, annuncia aos povos e povas a segunda vinda do Christo á terra. (Dos jornaes catholico).

Fonde os olhos nos céos, caros leitores, Não tarda que de lá dos cimos desça E a fé christi logo restabeleça, Uma vergontes mais dos redemptores!

Cautela, pois! Armas-vos da cabeça Aos pés, conegos, papas, monsenhores, Se não quiserdes, como os mercedores, Ser expulso do templo tão depressa.

Não somos nós que tal aviso damos, E' o padre Julio, o novo João Baptista, De cuja boa fé não duridamos...

Eis, gente christi, que o tempo é vario! Se quiserdes que a igreja subsista, Toca a arrumar a cruz, mais o Calvario!

Beato da Silva

sciente de S. Paulo se declarou em greve, optou pelo recurso mais propicio a este momento, afim de fazer valer os seus direitos, afim de mostrar a sua força de braço propulsor do machinismo industrial, de energia vital do progresso.

Nada mais justo, nada mais necessario, nada mais humano!

Entretanto, assim não o pensam e assim não o querem os sacripantas que administram esta vasta fazenda que é S. Paulo. Para os insubmissos á exploração — a pata do cavallo, o cacete do secreta, o calabouço, variações modernas do açote do feitor, do cão auxiliar do capitão do matto e do tronco de outros tempos.

O captivo e os supplices inherentes continuam sob variadas fórmãs. Exigem-nos a demonstração. Para patenteal-a não precisamos ir longe, buscar flores de rhetorica, citar longos e fastidiosos exemplos. Basta o que se nos tem revelado no actual movimento grevista, pacifico segundo a constatação dos proprios organos de publicidade subvencionados pela secretaria da policia, segundo a afirmação do organo official da camarilha governista.

Que justifica então as perseguições movidas contra os grevistas, as prohibições para que estes se reunam mesmo em recinto reservado, as prisões effectuadas? Que justifica o encarceramento de Francisco Calvo, desse pobre operario roubado á sua esposa e aos carinhos dos filhos, durante tantos dias conservados em angustiosa expectativa, sem a mais leve noticia do esposo e do pai sequestrado? Que justifica a prisão desse operario cujo unico crime é ser secretario duma associação de sua classe?

A resposta é unica e plausivel: Dos degenerados descendentes dos mercadores de escravos, dos corruptos discipulos dos jesuitas de Itú, dos sabujos de d. Duarte Leopoldo não pôde esperar actos humanos e justos o povo de S. Paulo.

Em Baurú

Uma controversia com o vigario da localidade sobre assumptos philosophicos.

Ha pouco tempo, na habitual tosquia ás suas mansas orelhas, esteve em Baurú d. Lucio, bispo de Botucatu. Como em toda a parte, do poleiro de sua igreja derramou por sobre os livres pensadores da localidade os maiores dispautes, as maiores asneiras. Os nossos correligionarios, porém, é que não estiveram pelos autos, isto é, pelos absurdos vomitados pelo bispo, e por isso o reptaram para sustentar pela imprensa as inverdades duma igreja, no meio dum publico fanatizado.

No lugar de d. Lucio, apresentou-se o seu fiel escudeiro, padre Antonio José Pires, vigario de Baurú. E' impagavel o sr. padre Pires! Aceitou a luva que foi atirada ao seu senhor impondo algumas clausulas bem interessantes. Quer por exemplo, que a polemica seja travada em puro, em castigo vernaculo, como se a grammatica e o estylo fossem condicao inherente da verdade. Um pronome fóra do seu respectivo logar será o bastante para que o sr. padre Antonio Pires fique convencido de que está do lado da verdade. Quer tambem ser tratado com luvas de pelica, de v. revma. para cima, como merece um illustre sacerdote de Christo. Mostra mesmo o desejo de ver o seu adversario, antes de pôr-se em guarda, beijar-lhe respeitosa e as mãos e pagar-lhe uma missa em intenção da futura verra.

Pois bem, illustre philologo padre Pires, o nosso companheiro Doge da Maia vai recordar o Coruja e comprar um par de luvas, para na proxima semana sair ao teu encontro. Prepara pois a tua penna aurifugente e... o teu dorso delicado!



Biblia vermelha

A pergunta que por si só basta para demolir todas as tentativas de provar a existencia de Deus é a seguinte: Por que razão criou Deus o mundo?

Odeoso.

Só, livre, podes enganar-te; mas mais vale o erro do homem livre do que a obediencia do escravo.

Emerson.

Inquisição policial

Infamia sem nome

A policia prende e martyriza o operario Francisco Calvo, atirando-o depois á varzea de Santo Amaro — Quem não protestará contra esta barbaridade?

Não encontramos termos capazes de exprimir devidamente o sentimento que, num misto de asco e indignação, domina todo o nosso ser ao transmittirmos ao publico a negra, a inacreditavel odisseia por que acaba de passar o operario Francisco Calvo. Parece que voltamos aos tempos horriveis da Inquisição, de odiosa memoria.

Mas detenhamos as explosões de nossa indignação e passemos a relatar fielmente aos nossos leitores toda a infame historia deste facto que ha de ficar eternamente gravado nos annaes da vida publica dessa conluio de jesuitas de casaca de que se compõe a nefasta oligarchia paulista.

Francisco Calvo é operario sapateiro e trabalhava na fabrica de calçados Clark. Como os nossos leitores sabem pelas noticias que temos dado, a classe dos sapateiros fundou ha pouco tempo a sua sociedade, nella espontaneamente inscrevendo-se a grande maioria dos seus membros. Calvo, como operario consciente que é, tambem adheriu a essa sociedade, da qual ha coisa de um mez passou a ser secretario, cargo a que dedicou todos os esforços de que é capaz todo o homem conscio das suas responsabilidades.

Com a agitação ora reinante na classe operaria desta capital devido ao estado de miseria em que se encontra, os trabalhadores na fabrica de calçado Clark puzeram-se em greve reclamando algumas melhoras na sua situação.

Os grevistas, usando de um direito garantido pelas leis do paiz, reunem-se diariamente para discutir sobre os seus interesses em jogo. Nessas reuniões Francisco Calvo tomava a parte activa iherente ao seu cargo, fornecendo informações sobre o que havia e prestando as explicações que lhe eram pedidas.

E eis ahi, em poucas linhas, o papel representado por Calvo no actual movimento operario.

Pois a policia, attribuindo a esse operario não sabemos que serie de delictos horrosos, destinou-o para victima dos seus ataques de hydrophobia, nella não communs por occasião de todos os movimentos operarios.

E aqui começa o martyrologio inquisitorial do nosso bom amigo.

No dia 9 do corrente, das 9 para as 10 horas da noite, quando Francisco Calvo se dirigia para a sua residencia, foi inopinadamente agarrado no largo da Sé por um desses typos abjectos, escrescencias do ultimo estadio da degradação moral a que se dá o nome de espões secretas. Calvo procurou desprender-se das suas mãos viscosas, mas não o conseguiu porque em auxilio do cão policial correram o soldado de ronda no mesmo largo e outros secretas, não podendo por isso entrar para a nossa redacção, de onde havia saído e onde a sociedade dos sapateiros tinha a sua secretaria. E entre safanões, soccos e ponta-pés foi o honesto trabalhador transportado para a Central.

Da Central foi Calvo levado, ás 11 horas da mesma noite, no auto-ambulancia, para o posto policial da Consolação. Neste ergastulo inquisitorial foi elle mantido até sabbado, encerrado num cubiculo, dormindo no chão humido, sem receber o minimo alimento e nem sequer uma caneca d'agua. Calvo, em certo momento, torturado pela sede, foi obrigado a beber a propria urina, por lhe ter sido negado um pouco d'agua, apesar dos seus insistentes pedidos.

No sabbado, depois de 48 horas de fome, sede e frio, transportaram-no novamente para a Central, de onde foi levado sem sentidos para um outro posto, que elle depois soube ser o do Belemzinho. Naquella infame casa de tortura Calvo foi atirado para um xadrez tão limpo como a alma dos seus perseguidores.

A' certa hora da noite notou Calvo que todas as luzes tinham sido apagadas e que as grades da sua prisão haviam sido abertas. Em grandes berros gritaram-lhe que sahisse. Com muito esforço ponde vencer a escuridão e ver no meio da sala um paisano entre um soldado e dois homens embuçados, que elle reconheceu serem soldados pela calça descoberta.

O homem á paisana, que devia ser um delegado, perguntou-lhe se sabia porque motivo estava preso. Calvo respondeu-lhe que a elle cabia fazer essa pergunta. O tal homem vomitou então uma serie de disparates e insultos, dizendo que Calvo era o autor das greves que se estão manifestando, o seu chefe, o seu cabeça, os proprios grevistas emfim, ao que replicou devidamente o digo operario.

Terminada esta scena que nos transporta aos dominios de Torquemada, foi Calvo descido do xadrez para uma solitaria a tres ou quatro metros abaixo do nivel do solo, de pouco mais de um metro quadrado, sem luz, quasi sem ar e tão humida que a agua chega a pingar do tecto.

Nesse antro de morte permaneceu Francisco Calvo doze dias, isolado, sem ter quem lhe attendesse aos seus pedidos angustiadíssimos!

Durante esses doze dias recebeu como unico alimento, de vinte e quatro em vinte e quatro horas, uma canecazinha de agua suja a que davam o nome de café e um pedaço de pão menor que esses pãesinhos de vintem!

E isto durante doze dias! Doze dias de fome, de frio e de sono, porque nem dormir Calvo podia, pois o cubiculo não dava senão para estar sentado!

As forças já lhe iam faltando, sentia-se definhar, morrer lentamente sem que um socorro, um auxilio lhe pudesse ir aliviar a sua situação desesperadora. Apellou para os sentimentos humanos dos soldados mas ninguem lhe deu ouvidos.

Um pensamento tragico dominou-o então: era melhor findar com tantos soffrimentos. Daria cabo do resto da vida. E, procurando aguçar o cabo da caneca, deu alguns golpes sobre as veias da mão esquerda.

Felizmente não conseguiu o seu intento. Tinha a intenção de secundar a sua tentativa com a creolina que costumam pôr nos baldes de que se servem os presos.

Foi nesta situação desesperadora que o foram arrancar daquella solitaria da morte para com elle commetterem a sua ultima infamia.

Pela meia noite de quarta-feira, 22, assistiu Calvo á mesma scena que já descrevemos: apagaram-se todas as luzes e os soldados embuçados foram buscalo á solitaria.

Perguntou-lhes para onde o iam levar e responderam-lhe os embuçados que para a sua residencia. Agarraram-no e, batendo pelas paredes devido á escuridão, levaram-no para o fundo do posto onde já se encontrava o auto-ambulancia para o qual foi atirado.

O auto partiu em vertiginosa carreira. Depois de bastante tempo, pelo qual Calvo calculou estar muito longe da cidade, o auto parou, dizendo-lhes os homens encapuçados e um sargento que descesse, pois estava em sua casa.

Calvo julgou o alcance da sua situação e, cheio de desespero, protestou, agarrando o sargento da comitiva pelo pescoco.

Os homens encapuçados caíram sobre elle, dando-lhe soccos e ponta-pés, atirando-o por fim ao chão.

E o auto-ambulancia partiu em desabrida carreira, deixando-o ali, atirado ao chão, sem forças, no meio do caminho, sem saber onde se encontrava.

O pobre operario encontrava-se na varzea de Santo Amaro, além do Bosque da Saude!

Tacteano, cambaleante, começou a andar a esmo, conseguindo depois de muito esforço chegar á casa de um leiteiro que, pela manhã, o trouxe em seu carrinho para a cidade.

E, como um atestado vivo do alto grau de civilização deste Estado, lá está Francisco Calvo entregue ao seu leito e aos cuidados dos medicos, impossibilitado de, por muito tempo, ganhar com o seu trabalho o pão para a sua dedicada compauheira e para os seus filhinhos.

De que forma commentar agora isto? E' tão grande a infamia, é tão horrivel a injustiça que chega a embotar-se-nos o espirito, impedindo-nos de dizer tudo quanto de amargura e odio nos vai na alma de modestos mas entusiastas sustentadores da causa dos opprimidos.

Para se conseguir a liberdade de Francisco Calvo os advogados Passos Cunha e Demetrio Justo Seabra recorreram a todos os recursos da lei, foram percorridos todos os tramites legais.

Quatro habeas-corpus foram impetrados aos juizes e ao Tribunal de Justiça, foi requerida uma diligencia aos postos policiaes, uma commissão foi ter com o secretario da Segurança Publica e com o presidente do Estado para reclamar a sua liberdade, chegando o advogado Justo Seabra a conseguir a intervenção do consul hespanhol.

Nada disso produziu resultado. A policia respondeu á commissão, aos juizes, ao Tribunal e ao consul que Calvo não estava preso em nenhum posto da capital!

E se não fosse a ameaça da greve geral do operariado, que estava imminente, se a policia não temesse complicar ainda mais a sua situação com a grande agitação publica que se ia fazer, Francisco Calvo terminaria os seus dias no fundo da lobrega solitaria do posto policial do Belemzinho.

E os juizes burlados, menosprezados na sua dignidade não reagem contra tal affronta? E a imprensa onde tem a sua independencia, onde está o seu prestigio de guarda das liberdades publicas que não se levanta em peso contra tal ignominia?

Não haverá nesta terra quem, fora do elemento operario, sintase affrontado diante desta infamia sem nome?

E' preciso que tal facto não fique esquecido, é necessario que o povo todo levante o seu vibrante, potente e energico protesto contra mais esta barbaridade de que são autores esses contumazes do crime legal, contra essa escumalha dos collegios da padralhada de Itú que se transformam em sarnosa rafeira dessa canalha que vem para o Brasil enriquecer á custa das notas falsas, da falsificação de bebidas, da venda de generos adulterados e do sangue de miserias crianças que morrem entre as engrenagens de suas fabricas.

Appellamos para a dignidade de todas as sociedades operarias, de todas as agremiações populares, de todo o homem de sentimentos humanos do Brasil.

Quem não quiser ser cúmplice desta infamia que vem manchar o nome desta terra deve levantar contra ella o seu brado de protesto.

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

A agitação continúa

Prosegue activamente a agitação contra a carestia da vida.

A reunião realizada domingo no Braz teve um exito brilhante. A concorrência foi numerosa, falando diversos oradores sobre as causas desta situação provocada pela ganancia de meio dúzia de açambarcadoras.

Hontem á noite teve lugar uma outra reunião no largo do Cambuoy, com o mesmo exito da do Braz.

Segunda ou terça-feira realizar-se-á um outro comicio no bairro do Bexiga.

NO RIO

E' representante da Lanterna no Rio o nosso amigo Ceillio Villar, que poderá ser encontrado á rua do Senado, 166. Da cobrança das assignaturas está encarregado o companheiro Santos Barbosa.



O morticínio do Lena — Uma greve nas areias auríferas da Siberia — Os interesses da finança contra a vida dos operarios — As causas do crime, as suas circunstancias e a impressão produzida — O naufragio do Titanic e suas causas — Os efeitos da luta de interesses entre os homens e da divisão em classe — O interesse das Companhias contra o interesse geral.

LISBOA, 28 DE ABRIL

Chegou ao Brasil a noticia telegraphica do grande morticínio executado pelas tropas do tsar sobre os trabalhadores das minas de ouro do distrito de Vitime, governo de Iskutok, Siberia Oriental, nas margens do rio Lena?

Essas minas pertencem a uma sociedade constituída e dominada pelo célebre financeiro cosmopolita barão de Gunzburg, que com a aquisição do capital accões da antiga sociedade «Lena» teve em vista levantar-se do desastre soffrido num jogo de bolsa. O barão reservou para si todas as accões privilegiadas e colocou no conselho de administração o irmão do ministro Timiriázeff, o importante metalurgista Putiloff e alguns lords ingleses.

O negócio ia bem, quando estalou a greve dos mineiros do Lena, infelizmente explorados, passando uma vida de indiziveis privações, habitando em miserias choupanas. Que pediam os grevistas? A jornada de oito horas, já bem pesada para tam exaustiva labuta, um aumento de salário e o pagamento em dinheiro, em vez das senhas que os negociantes só aceitavam com um desconto variavel.

Em 15 de março eram os grevistas apenas 900, mas alguns dias depois eram já 6 ou 7 mil, mantendo uma attitude pacifica.

As accões da Companhia começaram a baixar, mas os directores, em vez de ceder, espalharam o boato da proxima cessação da greve e mostraram-se intrataveis. Os grevistas foram intimados a abandonar as suas miseraveis habitações, propriedade da Companhia, — medida, porém, que, pela sua crueldade excessiva e perigosa, a propria autoridade não ousou executar, apesar de se ter posto immediatamente a serviço do capital, com a força armada.

Entretanto, a despeito dos falsos boatos optimistas, as accões continuavam a descer. Havia 500 mil titulos parados. Era preciso eleva-los a todo custo as cotações desses valores nas praças de Paris e de S. Petersburgo. Urgia sufocar a greve.

E então, na noite de 17 de abril, foram presos os membros da commissão da greve e 40 entre os mais activos grevistas, para serem deportados. No dia seguinte, três mil grevistas foram reclamar a liberdade dos companheiros detidos. O capitão Ireschenko disse-lhes que se dispersassem ou mandaria fazer fogo. Mas só as primeiras fileiras ouviram a intimação, não podendo obedecer-lhe porque eram empurradas de trás.

Após a primeira descarga, os operarios deitaram-se por terra, mas em seguida, enfurecidos pela inesperada e feroz aggressão, levantaram-se de novo e correram sobre a tropa, que os deteve e dizimou com outras três descargas. No solo jaziam 390 trabalhadores, entre mortos e feridos.

A sensação produzida na Russia por este morticínio é enorme, sobretudo nos melos operarios, onde várias greves de protesto foram declaradas. A propria Duma, tam anódina e moderada, se comoveu.

Possa ao menos contribuir para a queda do abominavel e monstruoso tsarismo o sacrificio daqueles desgraçados trabalhadores, victimas das combinações gananciosas de financeiros, que queriam fazer subir cotações!

E não seria tambem para encarecer accões, avolumar o dividendo, que se levou o Titanic ao naufragio e se perderam mais de mil e quinhentas vidas?

Sabia-se a rota semeada de geleiras; tinham sido vistas no tardo que precedeu a catástrofe!

um navio, que se cruzou com o Titanic, avisara-o da proximidade do grande glaciár fatal. Mas era necessario dar a vitória á Companhia, bater o record da velocidade. O capitão tinha um prémio por cada hora a menos sobre o tempo estabelecido. «Não nos deixavam sequer fumar um cigarro» — depõe agora um maquinista sobrevivente.

Mais. O navio tinha o maior luxo e conforto, tudo fóra previsto para atrair os passageiros e sobretudo a clientela rica. Mas os meios de salvação eram escasos. O vigia declara que, se tivesse um óculo de alcance, teria visto o glaciár a tempo: não o tinha. O colossal transatlantico não possuía projectores electricos. Isso é para os coraçoados, para a obra de destruição e de morte, não para a de salvação e de vida.

Os escaletos eram insuficientes, não chegavam para um terço da população de bordo: a companhia desprezara esse pormenor dispendioso e pouco lucrativo.

E esta insuficiencia dá ensejo a revelar-se nos seus feitos a funesta divisão da sociedade em classes. Um official, por antífrase chamado Lightholder, escolhe para os barcos primeiramente as mulheres, mas repele as criadas do navio, as que iam ali para ganhar o pão. Salvam-se mais de metade dos passageiros de primeira e segunda classe, mas pouco mais da quarta parte dos de terceira. O director da Companhia, que ia a bordo, não consente em ficar para o fim; a sua vida vale milhões. Educados, afeiçoados por um meio social, onde a divisão em classes e os privilegios produzem a luta inter-humana, alguns passageiros perdem toda a dignidade e querem conquistar a preferencia pela brutalidade feroz.

E apesar de tudo, quantos actos sublimes de serenidade e de heroismo! Onde os ha mais belos do que o dos musicos que morrem tocando para animar os naufragos e o do telegraphista cuja tarefa impassivel só a morte vai interromper? Como o homem seria bom, se não existissem tantas causas de rivalidades e de ganancia, de baixaza e de violencia!

No morticínio do Lena como no naufragio do Titanic vê-se claramente o interesse das Companhias, o interesse particular contra o interesse geral.

Os meios de produção e de transporte são possuidos por alguns seres, que naturalmente cuidam sobretudo do seu interesse proprio. A riqueza social é assim administrada, não para bem de todos, mas para vantagem de poucos. O escopo da produção e de todos os serviços de utilidade publica deixa de ser o bem-estar e a segurança de cada um para consistir apenas no lucro dos proprietarios.

Quando é que os homens verão a necessidade da administração directa das coisas, pelos proprios produtores e consumidores?

Neno Vasco.



Excursões ecletticas

Refere um collega francez que o bispo de Oran, alludindo aos que não puderam ir pessoalmente numa recente peregrinação a Roma, escreveu:

«Elles estarão de coração com os seus companheiros de França que vão receber a benção do nosso grande pontifice Pio X. Rezarão por aquelle que é o lugar-tenente de Jesus (que general!) na terra e a quem elles devem o acharem-se de tempos a tempos no céu.»

De tempos a tempos no céu! E' bom!

Mas do que se trata? De passagens em aeroplanos?

O crime do padre

Insomne revolvía-se no leito o sacerdote.

Não podia dormir. Uma imagem de mulher o perseguia incessante, roubando-lhe o sono, a paz de espirito que gozava, antes de a ver. Nunca em sua vida deparara uma mulher que o conturbasse tanto. E contudo muitas mulheres o haviam seduzido. De incautas confessandas arrancara, sorrindo, a delicada capella de virgem; a muitas habitações elle fora o ignobil portador da deshonra e da vergonha, e mais de uma victima de sua lascívia, illudida pelas falas unctuosas de devasso D. João de sotaina, chovava desesperada, afflicta, no infecto bordel a que a arrojava o cynico tartufo; mais de uma victima de sua concupiscencia lamentava, no prostíbulo hediondo, a sua sorte amara, maldizendo de Deus e dos homens!

Não era o amor, o dulcifico sentimento que prende duas almas irmãs e que as domina para todo o sempre, o que o fazia soffrir assim. Era a paixão sensual, era o desejo lubrico, violento, febril, impetuoso, que lhe accendia nalma o fogo ardente que o consumia minaz. Sua fronte escaldava.

Sentou-se no leito, e pousando nas mãos a cabeça escandecida, quedou pensativo.

Os primeiros raios do sol vieram encentral-o naquella posição.

II

Resolveu agir. Não podia lutar mais contra o desejo sensual, contra a paixão impura, que por Maria, — assim se chamava a sua pretendida victima, — concebera, desde a primeira vez que a viu. E o padre pervertido, vicioso, ideou logo tenebroso plano para arrastal-a ao lodajão do vicio!

Era casada! Que lhe importava? Elle, o temido D. João, pouco se preocupava em perturbar a paz, a harmonia de um casal.

Fez-se apresentar. Intelligente, insinuante, não lhe foi difficil captar a sympathia e a inteira confiança do casal. A sympathia e a inteira confiança apenas. O amor de Maria o padre não o conseguiu, apesar de todos os seus esforços. Em breve eram amigos inseparaveis o esposo de Maria e o padre infame.

La visital-os a qualquer hora do dia, era acolhido sempre amavelmente na sala de jantar e, traidor, começou a cercar a moça de cuidados que despertariam a attenção de outro marido menos ingenuo e confiante.

A moça tratava com delicadeza e affeição, mas, alma pura, não suspeitou que todos os desvelos do ministro de Deus encobriam alvo nefando.

A ideia elevada, que fazia do padre; a austera educação recebida; os rigidos principios da moral, e da virtude, incutidos indelevelmente em sua alma desde a sua puericia; sua simplicidade ingenua, tudo isso contribuiu para que ficasse completamente alheia á paixão que despertara, insciente.

E o padre hesitava em falar. Hesitava.

Elle, o corruptor infernal, sentia-se tímido.

Tal era a aureola de pureza e honestidade que da moça irradiava, que elle o pervertido, o vicioso, era forçado a respeitá-la.

Não desanimou contudo. Por em pratica todos os maneios vis e torpes para conquistar o coração de Maria.

E o marido, no entanto, nem de longe imaginava que aquelle padre bonachão, risonho, amavel era a serpe traidora, que pretendia, maliciosamente, tentar e arrojar ao inferno da perdição a sua esposa adorada!

III

Chamado a negocios teve de afastar-se por algum tempo do lugar em que habitava o marido de Maria.

E, santa ingenuidade! pediu ao seu amigo reverendo que olhasse por ella, que lhe desse conselhos, que a vigiasse attento. O padre assim o prometteu, rindo-se interiormente de tão grande simplicidade.

IV

Maria era o nome tutelar da pobreza. Sahia de casa, todos os dias, para visitar os pobres e levar-lhes a esmola bemfazeja e o conforto da sua presença.

O padre sabia. E, hypocrita, fingindo-se compassivo, mais de uma vez fora levar uma esmola aos pobres de Maria. E, canalha, o miseravel muitas vezes se encontrava com ella no humilde tugurio de algum indigente.

V

Chegára a occasião propicia. «Agora ou nunca», pensava. «Ah! Maria ignorava ou fingia ignorar que voraz paixão o minava, indomita, que febril desejo de beijar-lhe com osculos ardentes os cabellos negros, luzidios; a bocca mimosa, os labios finos, rubros, a face avelludada o devorava atroz.

Ah! que desejo louco de estreitar ao peito seu corpo elegante, esplendido, ah! que desejo louco de arrastal-a ao leito, e numa explosão frenética de beijos extinguir o fogo ardente, que o abrazava, e nas ancias sensuaes de gozo infernal sentir entre seus braços, contorcendo-se num amplexo voluptuoso o corpo desnudado de Maria!... Elle quis, perverso, crispou nesse momento os labios do miseravel.

VI

O plano estava naturalmente traçado. Maria era esmolera e caritativa. Pois bem.

A pretensão de organizar uma associação de caridade, attrahiria a sua mãe a moça e então... E um sor-

riso diabolico completou o seu pensamento maldito.

E o marido, no entanto, em proxima cidade cuidava de negocios, satisfeito, alegre, feliz. E o reverendo villão pensava em macular com o estigma infamante da deshonra a um homem honesto e bom que o acolhera com tanta chaneza e cordialidade.

VII

Um dia o padre foi visitar a Maria. Começou a falar das misérias que pallulam no mundo e, lamentando-as com voz dolente, lembrou uma associação de caridade formada por senhoras, para valer aos desgraçados. Iria falar com algumas senhoras, conhecidas e religiosas, para conseguir o seu desideratum. Descejava, primeiro, pedir a opinião de Maria.

Esta applaudiu com enthusiasmo a ideia. E declarou-lhe que contasse com ella. O padre exultou. Seguiu para casa alegre, trauteando, entre dentes, uma canção.

VIII

Alguns dias depois o padre visitou novamente a Maria. «Minha ideia foi aceita», disse radiante. Trata-se, agora, de nos reunirmos. Combinamos que a primeira reunião se effectuaria em minha casa, por ser a que mais commodidade offerece a todos, amanhã ás duas horas e meia. Não falte, d. Maria.

A moça, credula, não podendo suspeitar do amigo intimo de seu marido, que lhe recommendára que consultasse ao padre, si qualquer duvida tivesse em sua ausencia, Maria prometteu ser pontual.

IX

No dia seguinte se achava o padre presa de violenta superexcitação nervosa.

La jogar a decisiva cartada.

Não almoçou. Não tinha appetite. Andava agitado, pelas selas da casa em que morava. Sob um pretexto qualquer despediu a creada, que o servia ha annos.

Maria chegou á hora aprazada. O padre recebeu-a com carinho. Pediu-lhe que se sentasse, pois as outras associadas não poderiam tardar.

Chegára afinal o momento anciado. Seu coração pulsava com violencia.

Falou, procurando dominar a emoção profunda, que sentia. Procurou mostrar-se alegre, jovial.

Mas inconscientemente se atraçava.

Conhecia-se que aquella alegria era falsa. Via-se que o agitava uma commoção vehemente, que o absorvia inquietante preocupação.

Seus olhos irradiavam extranho fulgor.

A moça reparou nos modos do padre.

Pela vez primeira uma suspeita lhe atravessou o cerebro. Teve medo.

«As outras não vêm, reverendo, são 3 horas já. Voltarei outra vez, disse apparentando calma». «Não, replicou o padre com voz tremula de emoção, não vai sem me ouvir. Preciso abrir-lhe o coração. Preciso dizer-lhe tudo o que sinto. Si não lhe confessasse o meu martyrio infundo eu creio que a loucura se apossaria de mim.

«Escute». E o padre foi fechar a porta.

A moça attonita, medrosa o encarrava. Nos olhos pretos, muitos abertos, se lia o intenso terror que a dominava.

Quiz gritar. A voz morreu-lhe na garganta. O peito arfava-lhe. Tremia.

E o padre maldito, o infame ministro de Satan, veio para junto della.

Estava muito pallido, seus olhos brilhavam. «Escute-me», repetiu. E a confissão brutal, ha muito tempo contida, jorrou de seus labios. Falava com volubildade. «Vou dizer-lhe o meu segredo, meu doloroso segredo.

Eu amo-a... Ha muito tempo... Desde que a vi... Esta paixão, que me domina, é irresistivel». E assim continuou. E contou tudo. Narrou as longas noites de insomnia, em que sempre a via esplendente e bella; os dias amargurados, que passava, sempre obsedado pela sua doce imagem.

O soffrimento, que lhe torturava a alma, vendo-se incomprehendido. As alternativas doridas da duvida. E ridiculo, piégas, supplicou-lhe que se apiedasse delle, e que num beijo de amor lhe recompensasse a constancia, e lhe desse o merecido galardão de tanto soffrir.

A moça, estarecida, olhava-o com espanto. Quando, porém, ella o viu curvado a seus pés, soluçando, comprehendeu a infamia do emissario do Averno.

Parecia-lhe tudo aquillo um terrivel pesadelo. Um mesto sorriso de amargura lhe pairou nos labios pallidos. Lagrimas de dor, lagrimas de vergonha e de indignação bailaram-lhe nos olhos. O padre tomou-lhe uma das mãos. Retirou-as enojada lançando-lhe um olhar de asco e de desprezo. Poude falar. Intimou-o, severo a carrancudo o senho, que lhe abrisse a porta. «Não, disse o padre, has de ser minhas». E de novo lhe falou com brandura, buscando comovê-la.

Maria não lhe respondeu.

O reverendo passou-lhe o braço pela cintura e tentou oscular-lhe a face. A moça o repelliu com horror. Desorientada, perdida, abriu a bocca para bradar por soccorro.

Para impedi-lo, o padre levou-lhe a mão á garganta.

Do peito da victima sahiam apenas uns sons roucos. Seu rosto tornou-se arroxado, devido á pressão dos dedos do infame. O padre estava horrivel. Transfigurava-se.

Mostrava-se tal qual era, naquelle instante; máu, pequenino, perverso, hypocrita, cynico, cussado, repugnante e torpe.

A mão do padre a asphyxiava... A martyr estertorava. Afinal o reverendo a deixou. Seu corpo tombou inanimado. Estava morta.

EdUARDE VITAL.

Rio, 13 — 1912.

EM SABARA (MINAS)

As proezas de D. Fenelon

Entre o pacote enorme de cartas e apontamentos com que os amigos de toda a parte nos communicam os gloriosos feitos dos sagrados sacerdotes da igreja de Pio X e que nós somos obrigados a ir aproveitando aos poucos, na medida do limitado espaço disponível, tal a sua quantidade, encontramos a carta abaixo transcripta, na qual os nossos leitores conhecerão o celebrado coarado Fenelon dos Santos que, segundo uma noticia inserida noutra parte deste numero, foi agora corrido de Sabará com todas as pragmatias do estylo.

Aqui vai a carta:

«Amigo Edgard:

Saudações.

Affectuosamente dirijo-lhe esta missiva, afim de lhe expôr os factos desse nosso amigo.

Typo caricato de comedia antiga, esse typo tem feito façanhas as mais ridiculas possiveis. O nome delle já tem figurado nas columnas do *Livre Pensador* e nem assim elle é capaz de tomar vergonha. E' um verdadeiro companheiro de S. Faustino. Em questões amorosas é um turuna. Tem dado que fazer a alguns maridos, e talvez não tenha poupado algumas moças, porque é muito cercado dessas creaturas ingenuas.

Ultimamente este sotaina tem pintado tanto, a ponto de distribuirem profusamente pelas ruas da cidade este boletim, por obra e graça dos proprios catholicos, porque nós anticlericaes não damos confiança a esta cañila nomena á qual nem sabemos o qualificativo que havemos de dar:

«PEOR QUE JUDAS

Até quando aguentaremos o immoral e degenerado padre Fenelon dos Santos, que, em vez de dar exemplo e prégar a moral christã, só tem praticado a immoralidade e a ganancia a ponto de vender prata e imagens da matriz? Cumpre ao povo tomar energicas providencias.

A tolerancia já está excedendo.»

O padre Fenelon dos Santos, um pulha de marca maior, como é notoriamente sabido, ficou indignado com esse boletim.

O nosso heróe já vendeu imagens, pratás, e agora deve chamar um tarrateiro mestre que temos aqui para pegar todas as beatas e vende-las tambem, por preço muito reduzido, porque este artigo para nós pouco valor tem.

A Casa Pio X, de S. Paulo, rejeitou toda prata, porém a d. Theotonia A. Pinto comprou todas as imagens, inclusivê um crucifixo de prata.

E para terminar esta pergunta: Onde está Idalina?

Com vagar mandarei noticias detalhadas.

Sabará, 25 de fevereiro de 1912.

Rabo de tatu.

O operario é um ser humano, é um homem, é individuo que faz parte da collectividade social, é um IGUAL a seus patrões que, como já o affirmamos, em nada lhes são superiores e, portanto, tem de ser ouvido, tem de ser consultado e tem de ser attendido em seus justos pedidos.

Além disso, vivemos sob um regimen democratico, não ha mais sangue azul, ha sómente membros, iguaes, de uma confederação democratica, na qual ninguem se eleva acima de outro, pois que essa é a base primordial da nossa Constituição.

A aristocracia do dinheiro não pôde vigorar num paiz democratico, porque essa aristocracia é o producto da exploração que, não exercida, excluirá aquella.

Porque deve um unico individuo, bebendo o sangue de centenaes e milhares de homens, accumular fortuna, tornando-se estes sempre mais miseraveis?

Porque motivo ha de ganhar José, Pedro ou Paulo dezenas de contos de réis em um mez, e um operario não ter o direito de ganhar magras centenas de mil réis?

Não. Isto não pode continuar assim indefinidamente.

Levante-se o operario, mas consciente da sua força, pacifico, ordeiro, porém intransigente, forte, forte e coheso, e ninguem, ninguem lhe fará frente, ninguem se atreverá a desfructar o seu trabalho e beber o seu sangue, porque encontrará diante de si um poder formidavel, uma força invencivel que não se poderá jamais aniquillar pela violencia e pela oppressão.

Já que de si não querem attendere aos seus soffrimentos, obrigue elle, pela greve, — direito unico que lhe assiste, — a que seja reconhecida a sua personalidade humana e como tal respeitada.

•••

A Fabrica Rocha, — por uma irrisoria solidariedade, — entendeu de fechar as suas portas!

Muito bem. E' um direito que tem todo o industrial de fechar a sua casa quando e como lhe convier.

Se, porém, amanhã, devido a essa medida oppressiva que nada justifica, a greve se generalizar, quem, — perguntamos, — pagará o pato?

Se ficarem paralyzados commercio e industria, por dias, semanas ou mezes, as duas mencionadas fabricas estarão pelos autos e pagarão os prejuizos devidos á sua teimosia e prepotencia!

Assim, pelo carrancismo de um grupo, fere-se todo um systema.

Até quando marchará um tal estado de coisas?

(S. Paulo).



Capital e trabalho

A greve actual

Os operarios da fabrica de calçados Clark, caçados de serem explorados, unidos e cohesos, levantaram-se e declararam-se em greve.

Fizeram muito bem.

O seu pedido, que é nada exorbitante, cifra-se na redução das horas de trabalho a 8, e a augmento de salario a 7\$, 6\$ e 5\$000 diarios.

Calculados os dias de trabalho de cada mez em 25, será respectivamente 175\$000, 150\$000 e 125\$000.

Pôde isso ser considerado como um pedido exorbitante?

E', porventura, o desgraçado operario uma besta, uma almiria, cujo unico fim deve ser o de transformar seus patrões, em poucos annos, em millionarios emquanto elle, que é o primeiro e o unico productador daquelles milhões, deve continuar a vegetar na mais negra e sordida miseria?

Porque, perguntamos, tiram ao operario os fôros de humanidade e transforma-no em machina?

Não é, porventura, elle o osteio do mundo inteiro, sobre quem se fundam os alicerces desta grande engrenagem que se chama a actividade humana?

Não querem os patrões comprehender isso? O operario obriga-lo-á a tal.

Pequenos ecos

Nascimento — O nosso correigionario José Duarte Nunes e sua senhora Maria Ferrada Nunes, residentes em Villa Raffard, participaram-nos o nascimento, a 6 do corrente, de uma sua filhinha, á qual deram o nome de Idalina.

A recém-nascida almejamos uma vida plena de felicidades, livre de todos os preconceitos de que hoje a mulher é victima predilecta.

Visitas — Tivemos a satisfação de receber em nossa tenda de trabalho a visita dos sr. Jorge Haddad e Nicolas R. Haddad, este representante do nosso collegio de Campos Al-Rajr (Aurora), e aquelle um entusiasta partidario das nossas ideias, residente no Rio.

Agradecidos.

Pessoa procurada — Matilde Merelo deseja saber do paradeiro de seu cunhado Rosendo Galdeano, que suppe encontrar-se pelos laios de Campo Largo.

Qualquer informação a respeito poderá ser dirigida para a rua Anna Nery, 33.

Declarações de solidariedade

Atinjos da Lanterna:

Muito tardamente recebo a Lanterna e é por isto que só agora posso enviar meus calorosos applausos, meus cordaes abraços pelo grande triumpho obtido com a absolvição da chimerica Iala-Maria-Fonte-Luz.

Señ possível que agora os Pinheiros não tomem vergonha?

Belois, 18 de março de 1912 — Otaviano de Barros.

A Lanterna em Victoria

As pessoas residentes em Victoria, Espirito Santo, que desejarem assinar a Lanterna, poderão entender-se com o nosso amigo José Conzatti, á rua de Alfanega, 11.

A "Lanterna" em Minas

IBERTIOGA

Venho por meio da presente trazer ao conhecimento dos numerosos assignantes, apreciadores e admiradores da muito conceituada folha *A Lanterna*, a chronica aliás interessante e merecedora de alguns momentos de attenção dum mosenhor mettido a sébo, namorador de moças, mocinhas, senhoras casadas e vivas novas.

Este sotaina reside num pequeno, mas civilizado arraial do districto de Barbacena. E' todo vaidoso e cheio de prosa, sua pincez escuro para com mais vantagem encobrir as suas maldades, immoralidades e hypocrisia.

Já ha muito vive elle essa vida regalada e repleta de conquistas e colloquios amorosos, sem que pessoa alguma pensasse em incommodal-o, não sei se por motivo de medo das excommunições ou coisa parecida, de que tanto os tonsurados falam. O que é certo é que o poderoso e santo mosenhor de uma figura contida faz-não beneficios... ás moças, casadas e ás vivas velhas, que elle presentêta com grandes rosarios e bentinhos, e manda que ellas deem rezar para se salvarem das grandes fogueiras do Inferno. Mas os seus escandalos vão-se repetindo quasi que diariamente, e eu acho bem conveniente ser um pouco hereje e, por meio de algumas correspondencias na Lanterna, ir mostrando a sua corêa e fazendo com que todos o conheçam e fiquem certos das suas bandalheiras.

Como disse, este celebre bandalho tem innumeros, immorales e vergonhosos escandalos, e faz as suas conquistas em plena luz do dia, mesmo no coraçã do modesto arraial que parochia.

Ouvi ha pouco da grande e porca boca do referido mosenhor estas palavras: «Tenho agora uma das minhas conquistas que é uma verdadeira belleza, e bôa para tudo... Acho que se o nosso amor continuar como vai, eu não tenho outro remedio se não fazer presente da minha protectora batina ao bispo, porém, ao mesmo tempo, receio a excommunição».

Ora, é muito natural que um fanatico analfabeto tenha medo de ser excommuniado, mas com o que absolutamente eu não posso conformar-me é que um homem, que parece ser preparado como o mosenhor, receie ser excommuniado pelo negro chefe da clercanilha destes laios, já conhecido pelos leitores da Lanterna.

A meu ver o roupepa já fez o que tinha de fazer com a sua querida, e agora está procurando desculpa para poder descartar-se, pois um mosenhor deve estar bem perto do paraiso, portanto eu creio que não devêdo temer as chammas do inferno!

Ao mosenhor eu peço para não continuar enganando a pobre e deshonrada moça a quem promettera casamento no dia 19 de fevereiro passado, e no entanto está hoje não providenciou sobre tal casamento com a linda menina sua predilecta para os gosos da vida amorosa.

Creio que depois do serviço feito e acabado como está, o nosso mosenhor não teri coragem para desprezar a sua nojeita, immunda e rebosa batina para casar-se.

A moça, não sei porque, mudou-se para Barbacena, esbarrando primeiro nuns ilhéos.

O padre, para não despertar a curiosidade do povo do arraial, disse: «Eu tenho que celebrar uma missa amanhã sem falta na capella filial, e por isso necessito sair muito cedo. Pensava elle que ninguem o visse sair e lhe seguisse os passos. Viram porém que em capella nenhuma foi elle rezar missa, tratou foi de procurar um gelinho para gozar as suas costumadas penitencias... junto da sua amada, e providenciar sobre o embarque da mesma.

Pessoas que o seguio teve occasião de apreciá-lo quando elle todo escorrido e molhado de fetido suor chegou em Ilheos.

A sua amada, muito chorosa, enxugava-lhe o suor e dizia: «Coitado! como está fatigado o meu sempre querido mosenhor!»

Nas mãos da menina foi visto um postal todo perfumado e cheio de palavras doces, amorosas e floridas, esperancasas mesmo; nessa occasião estava ella conversando com uma amiga, e disse-lhe: «Ah! minha querida amiga... o povo está falando muito de mim com o mosenhor, mas o que hei de fazer, eu o amo e portanto podem falar quanto quiserem, que jámais me incomodará, porque é verdade e creio que isso é honra para mim!»

Imagine, sr. redacôr, este sotaina no lugar do papa, como daria um resultado magnifico para o futuro!

Estou cavando para conseguir um retrato deste bandido para mandar-lhe e prometto continuar com a minha correspondencia.

Agradecido, etc.

Chico terrivel.

Março de 912.

licia, porque, diz ella, foi aquella cidade insuflar os operarios á greve.

Desta vez o dr. Passos Cunha não escapa, vai mesmo para o xilindrô do Belém-zinho...

EM S. PAULO

Movimento dos tecelões — Os operarios das fabricas «Mariangela» e «Sant'Anna» continuam em greve e suas successivas reuniões em que grevistas têm realizado predominantemente sempre a maior animação e o firme proposito de só voltarem ao trabalho depois de satisfeitas as suas reclamações.

Hoje de manhã realizara-se uma reunião dos grevistas das fabricas de tecidos para tratar de assumptos referentes ao movimento.

Continuos unidos e solidarios, que a razão e a justiça está comvosco!

Movimento dos sapateiros — Até a hora em que escrevo estas notas a greve continua no mesmo pé. Os grevistas estão firmes e com o decidido proposito de só voltar ao trabalho depois dos patrões accederem ás suas justas petições.

Quinta-feira a directoria da fabrica Clark pediu que fosse uma commissão se entender com ella; depois da entrevista, na qual nada ficou resolvido, a directoria disse que fosse sexta-feira de tarde buscar a resposta.

Entre os operarios do Clark, assim como nas demais fabricas que estão paradas pelo *lock-out* declarado pelos patrões, reina solidariedade e grande enthusiasmo.

Amanhã, domingo, haverá reunião geral da classe.

Na quinta-feira proxima, realizar-se-á, no salão Alhambra um espectáculo em beneficio dos grevistas, sendo levado á scena a peça o *Erro Judicial*.

Os graphics — A classe dos graphics reúne-se amanhã, domingo, ás 9 horas da manhã, no Salão Italia Fausto, sito á rua Florencio de Abreu, 29, para constituirem definitivamente a sua sociedade.

O pessoal da Casa Weisfog agita-se, e provavelmente declarar-se-á em greve.



A "Lanterna" em Santa Catharina

Os frades — E' de lastimar que, de todas as nações cultas, que fecharam suas portas, impedindo a entrada dos frades de vassos e freiras expulsos da heroica nação portugueza, só o Brasil não enxergasse o perigo a que se expunha abrindo os braços para receber tal gente, sem consultar a Historia do Brasil e de outras nações que attestam claramente a discórdia, o atraso, o embrutecimento intellectual que causa a todas as boas instituições essa praga maldita, essa peste negra.

Têm sempre acarretado males enormes sobre as nações onde se levantam os antros negros como suas consciencias, os seus chamados conventos e collegios jesuiticos, verdadeiros bordéis que recolhem os frutos do intamante confessoriano!

Com immenso pesar sou forçado a dizer: — de todos os Estados da União, o meu querido Estado, Santa Catharina, é o que mais empestado se acha dessa horda de vandalos.

Aqui, um governador fanatico, eschava dos jesuitas, implantou a primeira machina destruidora do progresso intellectual: — o collegio clerical.

Após o assentamento dessa machina, successivamente vieram actos não menos corrosivos: 50.000\$000 tirados das arcas do thesouro estadual, onde se guarda o suor do povo, que paga impostos para ter estradas e escolas leigas, dados de presente ao Vaticano, afim deste nomear um bispo allemão para Florianopolis!

Depois, dá-se uma subvenção ás freiras de Nova Trento.

Depois, equipara-se um collegio de freiras, na capital, á Escola Normal leiga, quando naquelle collegio de freiras as alumnas só aprendem a rezar e a representar, em theatros religiosos, papéis de santos e santas milagrosos!

Ao que parece, o governador do meu infeliz Estado não tem na estante de seu gabinete, ou sobre a mesa de trabalho, um só exemplar da Constituição Federal, porquanto se o tivesse não procederia de um modo tão incorrecto e contrario ao que estatue o art. 72 § 7.º da Constituição Federal.

O palacio do governador assemelha-se mais a um convento de frades e jesuitas, pela constante frequencia de conferencias e visitas de frades e do bispo, do que a um palacio de governo leigo.

A Constituição Brasileira assim se expressa no § 7.º do art. 72:

«Nenhum culto ou igreja gozará de subvenção official, nem terá relações de dependencia, ou alliança, com o governo do União, ou o dos Estados.»

Mas o governador deste infeliz Estado, instruido desde tenra idade no antro escuro das superstições, das rezas, dos jejuns, da dispensa para comer carne ás sextas-feiras, dos indulgencias, de milagres de freiras virgens adquirirem leite em seus seios, mediante rogos a Deus, para alieitarem crianças apparecidas mysteriosamente nos conventos; do inferno com suas fogueiras para assar os herejes que não acreditarem nas palavras santas do frade ou jesuita — não tem a comprehensão precisa para enxergar que lhe é vedado fazer o que tem feito pela seita estholica! — apresentando-se em todos os actos religiosos na qualidade official de governo, e cedendo gratuitamente a musica do Corpo de Seguranca para tocar em todas as procissões e festas da seita catholica; quer nas igrejas, quer nos conventos de freiras e frades, e rotas soitas máes...

Um curião do bispo allemão, pedindo emprego para o seu filho Fulano, faz que seja preferido logo aquelle a quem de direito cabia a nomeação!

Para o grupo escolar leigo, ultimamente aberto nesta capital, ainda foi nomeado um jesuita portuguez para lente.

Amanhã entrará um frade allemão, depois mais outro, e assim em poucos mezes teremos um segundo gremio religioso, sustentado a expensas do cofre do Estado que a Constituição prohibe que se lhe cuje o padre novo!

Um entusiasmado.

Santa Catharina, 4 — 4 — 912.

EM PEDERNEIRAS

Padre Don Juan em apuros que dá ás de villa Diogo para escapar ás ameaças de uma sua victima

O nosso correspondente de Pederneras continúa neste numero a tratar do escandaloso provocado naquelle cidade pelo celebre padre Carlos Bieudo. Como já disse...

Contamos porém que o nosso amigo que nos tem dado as informações que temos publicado continue a nos enviar as suas notas.

Sr. redactor da Lanterna.

Hontem dirigi a essa illustrada redacção uma carta, em continuação ás noticias sobre os acontecimentos desenrolados nesta cidade, dos quaes é protagonista o celebre padre Carlos Bieudo, vigario desta parochia, e já hoje, para dar uma informação regular aos muitos leitores da Lanterna enlereço-lhe este, chamando particularmente a attenção de s. s., pois os factos vão tomando caracter cada vez mais grave.

Aqui ha um moço que professa idéas socialistas e anticlericaes, que é muito conhecido aqui pelos seus escriptos nos jornaes socialistas, mormente no semanario dessa capital o Pungolo.

Refiro-me a Luiz de Abrew, que, por causa de suas idéas, é aqui muito odiado, principalmente pelos politicos e clericos.

Entretanto já ouvi dizer que Luiz de Abrew está na imminencia de ser preso e até mesmo espancado, por ter a levandade de ter ido ao hotel central ouvir a narração dos factos da propria victima do padre seductor.

Depois de ter ouvido no hotel central Anna Pereira, Luiz de Abrew, em uma casa de commercio, narra em tom de discurso a triste condição da infeliz mulher que, dizia elle, achava-se na mais triste condição.

Vejamos como elle descreve as coisas:

Diz que, uma vez em presença de Anna Pereira, pediu-lhe que com toda sinceridade lhe narrasse os factos, os quaes são da seguinte forma:

Quando vigario em Jahú, o infame Bieudo conheceu a, ainda bem joven e já viuva. Tratou logo o seductor de captar as sympathias da infeliz mulher, a ponto de levá-la para sua casa, fazendo della sua amante.

Diz ella que o padre lhe dedicava um verdadeiro amor, que ella retribuía com sinceridade.

Anna Pereira não é brasileira, é européa, mas teve de assignar-se Pereira e dizer-se brasileira, por instigação do padre, isso para em S. Paulo, Moçoca e outros lugares por onde andaram ser tomada por irmã do padre e assim legitimar-se em publico.

E' assim que indo a Europa, a chamado de sua familia, Anna Pereira lutou com difficuldades perante sua familia, afim de explicar sua condição no Brasil depois de sua viuvez; seus parentes chegaram mesmo a fazer umas interrogações que ella explicou como pôde.

A familia, interessando-se por ella, procurou casal-a, chegando mesmo a apresentar-lhe um moço para contractar o casamento, ao que ella rejeitou dizendo não lhe convir o casamento, o que muito desgostou a seus parentes.

Nessa occasião, ella escreveu ao padre Bieudo uma carta, narrando-lhe as coisas como estavam, pediu-lhe a elle dizer-lhe com franqueza estava disposto a tel-a como verdadeira esposa, vivendo com ella, a industria clerical, a mais productiva do Brasil.

Não é certo o casamento do padre, porque elle conta com a protecção escandalosa do bispo de Botucatu, mancomunado com os politicos daqui, tanto assim que este bispo descarado já mandou aqui um frade fanatizador para aplinar o terreno afim de acalmar a opinião publica excitada e indignada pelos ultimos factos.

Esse frade é um tal frei Angelo do Bom Conselho. Em outra carta tratarei das lamurias desta patife, como ainda da historia do reverendo Bieudo — que, nos estreitos limites desta carta, me é impossivel descrever.

Por isso torno a pedir a illm. redacção da Lanterna mandar aqui uma pessoa que, com mais capa-

cidade e habilidade do que eu, possa fazer uma descripção dos acontecimentos, que daria para encher um volume, para deleite de seus innumeros leitores.

Peço á illustre redacção da Lanterna dar um passo em favor da infeliz Anna Pereira, já procurada pela policia, que ao serviço dos politicos protectores do padre quer, a todo transe, que ella se retire para que o padre possa continuar aqui tranquillamente. Para isso, estão dispostos á perseguição, a todas as infamias!

Continuarei. Sempre de V. S. etc. Musulino.

Pederneras, 5 de maio de 1912.

Seria demasiado longo descrever toda a narração dos factos feitos por Anna Pereira, como tambem das numerosas cartas em que o padre satyro expandia o seu sentimentalismo amoroso e, ainda mais, sua inspiração poetica!

Oh! nisso o nosso reverendo é de uma fertilidade espantosa!

Em uma dessas cartas o nosso santarrão descreve como celebrou a missa de Corpus-Christi, em que diz que, "no consagrar a hostia, elevou sua prece a Deus, pedindo a Jesus Christo e á Santa Virgem por ella e tambem por elle, para que um dia pudessem viver juntos e felizes!"

O nosso reverendo descreve em termos verdadeiramente poeticos os seus soffrimentos verdadeiramente fantasticos, pondo-se fantasticamente em inumeras difficuldades, allegando triste estado de pobreza, isso unicamente para livrar-se da infeliz mulher que havia enganado, atirado á miseria e á fome, visto que, nessa occasião, o satyro já tinha outro amor, precisava agrada-lhe a outra, a infeliz Florentina, com quem agora vive e já tem filhos, que, tambem, por sua vez, será ludibriada, abandonada e atirada á miseria...

Nos ultimos dias do mez de abril p. passado, Anna Pereira chegou a esta cidade em procura do seductor, para pedir-lhe meios de subsistencia para si e para uma pobre creança, fructo de seu amor com o reverendo seductor; este, presentindo sua chegada, fuge pelo fundo do quintal, precipita-se sobre uma cerca, em vertiginosa fuga, escapando assim de uma pobre mulher que lhe pareceu a estatua do remorso!

Entrando na casa, Anna Pereira depara com a infeliz Florentina, que, por sua vez, sendo informada dos soffrimentos e infortunios da infeliz Anna, vendo e compreendendo o triste futuro que a esperava, mostrou-se muito condoída e verdadeiramente triste porque, tambem ella, se achava na mesma condição.

Quando estavam, as duas victimas, encarando sua triste condição, eis que entra na casa o chefe politico local intimando Anna Pereira a sair da casa, dizendo que não consentia que nada dissesse contra o padre Bieudo, pois que o padre era seu amigo, ao que Anna Pereira respondeu: — "se o padre Bieudo é seu amigo, eu tenho a dizer-lhe que o padre Bieudo é meu marido!"

Cedendo ás imposições do chefe politico, Anna Pereira veio para casa deste e da casa deste para o hotel Central, onde se acha.

Porque motivo os politicos, mormente os politiquinhos do interior, prestam sempre apoio a estes bandidos de batina?

Eis a razão porque á ultima hora os politicos mandaram espalhar a noticia de que o padre tinha sido suspenso e que, por isso, ia casar-se civilmente.

Isto não é mais — segundo me parece — do que uma patota, para ambair a opinião publica, pois que já se fala aqui na organização de um partido de opposição local, consequencia dos ultimos acontecimentos.

Não creio nisso, porque um homem viciado, ambicioso como é o Bieudo, não deixará, de forma alguma, a industria clerical, a mais productiva do Brasil.

Não é certo o casamento do padre, porque elle conta com a protecção escandalosa do bispo de Botucatu, mancomunado com os politicos daqui, tanto assim que este bispo descarado já mandou aqui um frade fanatizador para aplinar o terreno afim de acalmar a opinião publica excitada e indignada pelos ultimos factos.

Esse frade é um tal frei Angelo do Bom Conselho. Em outra carta tratarei das lamurias desta patife, como ainda da historia do reverendo Bieudo — que, nos estreitos limites desta carta, me é impossivel descrever.

Por isso torno a pedir a illm. redacção da Lanterna mandar aqui uma pessoa que, com mais capa-

cidade e habilidade do que eu, possa fazer uma descripção dos acontecimentos, que daria para encher um volume, para deleite de seus innumeros leitores.

Peço á illustre redacção da Lanterna dar um passo em favor da infeliz Anna Pereira, já procurada pela policia, que ao serviço dos politicos protectores do padre quer, a todo transe, que ella se retire para que o padre possa continuar aqui tranquillamente. Para isso, estão dispostos á perseguição, a todas as infamias!

Continuarei. Sempre de V. S. etc. Musulino.

Pederneras, 5 de maio de 1912.

Seria demasiado longo descrever toda a narração dos factos feitos por Anna Pereira, como tambem das numerosas cartas em que o padre satyro expandia o seu sentimentalismo amoroso e, ainda mais, sua inspiração poetica!

Oh! nisso o nosso reverendo é de uma fertilidade espantosa!

Em uma dessas cartas o nosso santarrão descreve como celebrou a missa de Corpus-Christi, em que diz que, "no consagrar a hostia, elevou sua prece a Deus, pedindo a Jesus Christo e á Santa Virgem por ella e tambem por elle, para que um dia pudessem viver juntos e felizes!"

O nosso reverendo descreve em termos verdadeiramente poeticos os seus soffrimentos verdadeiramente fantasticos, pondo-se fantasticamente em inumeras difficuldades, allegando triste estado de pobreza, isso unicamente para livrar-se da infeliz mulher que havia enganado, atirado á miseria e á fome, visto que, nessa occasião, o satyro já tinha outro amor, precisava agrada-lhe a outra, a infeliz Florentina, com quem agora vive e já tem filhos, que, tambem, por sua vez, será ludibriada, abandonada e atirada á miseria...

Nos ultimos dias do mez de abril p. passado, Anna Pereira chegou a esta cidade em procura do seductor, para pedir-lhe meios de subsistencia para si e para uma pobre creança, fructo de seu amor com o reverendo seductor; este, presentindo sua chegada, fuge pelo fundo do quintal, precipita-se sobre uma cerca, em vertiginosa fuga, escapando assim de uma pobre mulher que lhe pareceu a estatua do remorso!

Entrando na casa, Anna Pereira depara com a infeliz Florentina, que, por sua vez, sendo informada dos soffrimentos e infortunios da infeliz Anna, vendo e compreendendo o triste futuro que a esperava, mostrou-se muito condoída e verdadeiramente triste porque, tambem ella, se achava na mesma condição.

Quando estavam, as duas victimas, encarando sua triste condição, eis que entra na casa o chefe politico local intimando Anna Pereira a sair da casa, dizendo que não consentia que nada dissesse contra o padre Bieudo, pois que o padre era seu amigo, ao que Anna Pereira respondeu: — "se o padre Bieudo é seu amigo, eu tenho a dizer-lhe que o padre Bieudo é meu marido!"

Cedendo ás imposições do chefe politico, Anna Pereira veio para casa deste e da casa deste para o hotel Central, onde se acha.

Porque motivo os politicos, mormente os politiquinhos do interior, prestam sempre apoio a estes bandidos de batina?

Eis a razão porque á ultima hora os politicos mandaram espalhar a noticia de que o padre tinha sido suspenso e que, por isso, ia casar-se civilmente.

Isto não é mais — segundo me parece — do que uma patota, para ambair a opinião publica, pois que já se fala aqui na organização de um partido de opposição local, consequencia dos ultimos acontecimentos.

Não creio nisso, porque um homem viciado, ambicioso como é o Bieudo, não deixará, de forma alguma, a industria clerical, a mais productiva do Brasil.

Não é certo o casamento do padre, porque elle conta com a protecção escandalosa do bispo de Botucatu, mancomunado com os politicos daqui, tanto assim que este bispo descarado já mandou aqui um frade fanatizador para aplinar o terreno afim de acalmar a opinião publica excitada e indignada pelos ultimos factos.

Esse frade é um tal frei Angelo do Bom Conselho. Em outra carta tratarei das lamurias desta patife, como ainda da historia do reverendo Bieudo — que, nos estreitos limites desta carta, me é impossivel descrever.

Por isso torno a pedir a illm. redacção da Lanterna mandar aqui uma pessoa que, com mais capa-

Rio — Ex-padre: Os amigos da Liga Anticlerical têm necessidade urgente de falar-lhe. Poderia indicar-lhes o seu endereço, dirigindo-se á sua sede provisoria, á rua General Camara, 335. Saudações de todos os que aqui lutam.

Rio — S. Barbosa: Estamos preparando as listas, que seguirão logo. Saudações a todos.

Fazenda á venda

Vende-se uma esplendida fazenda situada a 2 leguas desta capital, obtendo magnificas culturas, matias para lenha, boas invernadas em pastos fechados, 2 moinhos, engenho e machinismos para canna e fabricar asucar, etc.

Tem superiores e abundantes quedas d'agua, 3 carros de bois com suas respectivas boiadas; gados: bovino, suino e ovelha para criar, etc.; 260 alqueires de terras judicialmente divididas, além de estar ligada a terras devolutas e aproveitaveis.

A casa de morada é completamente isolada das demais dependencias, como sejam: engenho, depósitos, etc.

É servida por um "pé de estribo" da Estrada de Ferro Central do Brasil. Trata-se com Nicomedes dos Santos, á rua de Pernambuco, 205. Bello Horizonte (Minas).

Ribeirão Preto

Na Livraria Selles á rua Amador B eno, 41 e 43, vende-se A Lanterna a 200 réis o numero avulso

Numeros atrasados

Dispomos de alguns pacotes de numeros atrasados da Lanterna para serem distribuidos gratuitamente.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raynundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de \$2500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a \$3000 o exemplar.

C. E. S. "Francisco Ferrer"

O Circulo de Estudos Sociaes FRANCISCO FERRER, desta capital, vende ás administrações de revistas e jornaes de propaganda que lhe enviarem um exemplar de cada numero para a sua sala de leitura.

A "Lanterna" em Pelotas

Na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, assim como nas localidades circunvizinhas, é agente da nossa folha o sr. José Maria Bento, residente á rua Andra-de Neves, 558, e que está autorizado a tratar ali de tudo quanto e relaciona com a Lanterna.

Aos nossos assignantes

Afim de nos poupar um grande trabalho, pedimos aos nossos assignantes que transfiram de residencia, nos communicando a primitiva residencia.

Historia da Lucta entre a Ciencia e a Theologia

A. D. White. Antigo reitor e professor de Historia da Universidade de Cornell e embaixador norte-americano em Berlim.

Carlos Babo e Manuel Bravo

Volume de bom formato (32 por 16), de 500 paginas, papel assinado, edição esmerada. brochado com capa illustrada.

A Velhice do Padre Eterno

Temos novamente a venda, a \$8500 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

FRANCISCO FERRER

Esplendida revista racionalista illustrada, de Buenos Aires.

Bibliotheca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correo:

Primeira serie, já publicada: La Lujuria del Clero, segun los concilios. El Diablo, por Roberto Robert. Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo.

2.ª Serie em publicação: Dios, por Suñer y Capdevila. Los Milagros, por Roberto Robert. Lo que comen los curas, por Frey Gerardo.

Engenho Stamato. Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro.

Fabrica de Fumos "Braz"

FUNDADA EM 1887. Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de prepos. Seus productos são conhecidos em todo o Estado.

A Lanterna no Interior

A Lanterna, além de ser vendida avulso em quase o todo interior do Estado, é encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

LA BATAILLE SYNDICALISTE

Diario redigido por militantes da Confederação Geral de Trabalho.

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reprodução na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se á venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da Guerra Social.

"El Motin"

Este excellente periodico anticlerical de combate, dirigido pelo velho e valente combatente José Nakens e que se publica semanalmente em Madrid, com 16 paginas e magnificamente illustrado, está á venda á rua do Gazometro, 115, a 200 réis o exemplar.

"A Lanterna" em Porto Alegre

Em Porto Alegre quem desejar assignar a Lanterna, dirija-se a Pythagoras, Leal, 65, ou a Polydoro Santos, na Escola Elyseu Reclus.

"A Lanterna"

É vendida, ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos: SALO DE WARBURG — Avenida Rangel Pestana, 140.

Medalhas de Ferrer

Recebemos da Europa e temos a venda uma boa quantidade de uma interessante medalha para corrente, tendo de um lado o retrato em alto relevo do grande martyr da educação racionalista e do reverso uma bella legenda.

Medalhas de Ferrer

São vendidas ao preço de \$3000 pagando mais 500 registradas pelo cartorio.

BIBLIOTHECA DA "LANTERNA"

M. Gorki, Os amassadores \$200. A de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho \$200.

H. Malatesta, Programma socialista anarquista-revolucionario \$100. Pedro Kropótkine, O Comunismo Anarquico \$100.

J. Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población \$100. Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.

Les Prisonniers, Pierre Kropotkine, \$300. L'Esprit de Révolte \$200. René Chaugli, La Femme Esclave \$100.